

economia

| COTAÇÕES DO DÓLAR - (R\$/US\$) | | | | |
|--------------------------------|-----------|--------|---------|--------|
| DATA | COMERCIAL | | TURISMO | |
| | COMPRA | VENDA | COMPRA | VENDA |
| 05/11 | 5,5222 | 5,5227 | 5,5430 | 5,6800 |
| Fonte: Estado Contábil | | | | |

| BOLSA DE VALORES | | |
|------------------|------------|----------|
| MERCADOS | FECHAMENTO | |
| | 05/NOV/21 | VARIACÃO |
| Bovespa | 104.828,04 | +1,37% |
| Dow Jones/NY | 36.327,95 | +0,56% |
| Nasdaq | 15.965,09 | +0,16% |
| S&P Merval | 92.895,89 | +1,79% |

Fontes: Estado Contábil e bolsas de valores



desvendando a
economia

economia@dgabc.com.br

A triste perda da complexidade industrial

O crescimento econômico envolto por utilização e desenvolvimento de modernas tecnologias, capaz de elevar o padrão de riqueza da Nação e a renda *per capita*, é inconcebível sem o desenvolvimento de uma indústria moderna. Esta afirmação, feita na década de 1970 pelo economista inglês Nicolas Kaldor, expressa a expectativa de futuro projetada a partir dos esforços de industrialização e estratégias de desenvolvimento econômico ao longo do último século. Entre as décadas de 1940 e 1990, em estrutura econômica fechada que ofertava amplos mecanismos protecionistas ao setor produtivo, a crença predominante era a de que níveis mais densos no tecido produtivo tecnológico do Brasil seriam alcançados à medida em que o setor industrial avançasse na elevação de sua complexidade, conferindo-lhe paulatinamente maior competitividade.

A partir de meados da década de 1970 ampliaram-se as vozes que apontavam o esgotamento do modelo excessivamente protecionista de estímulo ao setor produtivo, sustentadas no diagnóstico de que o protecionismo acomodava e desestimulava o progresso da indústria.

Apesar dos dados da PIA (Pesquisa Industrial Anual) realizada pelo IBGE apontarem, entre meados da década de 1960 e de 1980, uma ampliação da participação dos setores de maior complexidade e intensidade tecnológica na composição da indústria, isso não significou ampliação do grau de competitividade da cadeia produtiva nacional, nem tampouco que estamos conseguindo nos aproximar das economias mais avançadas quanto às competências tecnológicas. É importante fazer a ressalva de que o protecionismo, ao estabelecer reservas de mercados domésticos aos produtores instalados no País, com pouquíssima ou nenhuma competição externa, tende a criar acomodação do setor produtivo.

É importante também lembrar que várias regras protecionistas dificultavam o acesso do setor produtivo às tecnologias mais modernas à época, o que também impunha limites à modernização do parque produtivo. Nesse ponto, ressalta-se que este modelo protecionista no Brasil não enfatizou o fomento ao desenvolvimento de competências tecnológicas.

Diante deste cenário, as mudanças promovidas pela abertura econômica implantada com mais intensidade na década de 1990 alteraram a dinâmica do modelo competitivo dos mercados domésticos. Os defensores deste novo modelo afiançavam que, a partir da ampliação da competição com o mercado internacional, o setor produtivo seria impelido a reorientar suas estratégias, estimulando a modernização tecnológica e do processo de desenvolvimento produtivo e tecnológico, com objetivo de ampliar a competitividade. Especialmente no setor industrial.

Menos geração de riqueza

Mas isso não correu. Os dados da PIA apontam que, entre a segunda metade da década de 1990 e o fim da década de 2010, a indústria instalada no País tem perdido participação dos setores de alta e média-alta intensidade tecnológica, enquanto setores de média-baixa e baixa intensidade tecnológica ganham espaço, tomando como referência a composição do VTI (Valor de Transformação Industrial). Segundo a PIA, em 1998 cerca de 35% do valor de transformação industrial eram provenientes de setores de média-alta e alta intensidade tecnológica, de acordo com metodologia da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o chamado clube dos ricos). Em 2019, último ano de divulgação da PIA, apenas 25% do VTI vieram de setores de média-alta e alta intensidade tecnológica. Enquanto isso, a participação dos setores de média-baixa e baixa intensidade tecnológica aumentou de 47% para 61% do VTI.

Ou seja, a indústria tem perdido complexidade, concentrando-se em cadeias produtivas mais simples, menos robustas e consequentemente com menor potencial de geração de riqueza. Isso pode ser corroborado pela queda da participação do setor industrial na composição do PIB. Avaliação superficial poderia argumentar que tais transformações acompanham as mudanças observadas nas economias mais desenvolvidas. Ocorre que nestas o setor de serviços se expandiu com importante alavancagem dos segmentos avançados e de maior intensidade tecnológica, e em geral demandados pelos setores industriais de maior complexidade.

Dados das contas nacionais trimestrais divulgadas pelo IBGE apontam que, entre 1995 e 2020, o setor de serviços ampliou a participação de cerca de 58% para 63% do PIB nacional. Neste período, o segmento de comércio foi o que apresentou maior incremento no setor de serviços. Os dados da evolução dos estabelecimentos e pessoal empregados no setor de serviços e seus segmentos para o mesmo período endossam essa ponderação.

Ademais, desde a crise de 2008 elevaram-se os discursos em defesa de certo grau de proteção por parte dos países desenvolvidos. Com a retração econômica de 2020, ampliou-se a tendência dos esforços no sentido de maior regionalização das cadeias industriais, de fornecedores de insumos e sua diversificação, bem como das competências tecnológicas como estratégia de competitividade. Isso está refletido nos pacotes para retomada das economias desenvolvidas. Parece-me que o famoso argumento do então ministro Pedro Malan, expresso na frase “a melhor política industrial é não ter política industrial”, não resultou em efeitos virtuosos para a indústria nacional nas últimas décadas e tampouco se aplicaria no cenário atual.

Material produzido por Sandro Renato Maskio, coordenador de estudos do Observatório Econômico da Faculdade de Administração e Economia da Metodista.

Nível de confiança da indústria na região tem queda em outubro

Levantamento revela que índice recuou de 59,1 pontos em setembro para 57,6 no mês passado

Em cenário marcado pela pandemia, o Icei (Índice de Confiança da Indústria) do Grande ABC baixou em outubro de 2021 comparativamente a outubro de 2020, passando de 59,1 para 57,6 pontos em escala que vai de 0 a 100. No Brasil houve igual movimento, com a confiança descaidendo de 61,8 para 57,8 pontos em um ano, segundo pesquisa da CNI-Fiesp (Confederação Nacional da Indústria e Federação das Indústrias de São Paulo), com recorte regional realizado pela Universidade Metodista de São Paulo.

Os indicadores mais problemáticos sobre o sentimento dos gestores industriais estão na expectativa em relação à economia (que baixou de 55,4 para 53,3 pontos na região) e condições da empresa (com queda de 57,1 para também 53,3 pontos). “Um ponto a ser observado é a influência

da baixa capacidade do governo em realizar as reformas prometidas e baixa efetividade das ações realizadas até o momento”, pontua o professor Sandro Maskio, do Observatório Econômico da Metodista, responsável pelo estudo regional.

OCIOSIDADE

A pesquisa CNI-Fiesp tem como parâmetros as avaliações pessimista (0 a 49), indiferente (50) e otimista (51 a 100 pontos). Um dos quadros apresentados nesta edição do Boletim IndústriaABC é a queda na utilização da capacidade instalada no Grande ABC, de 71% em junho para 64% em setembro (último dado disponível), reforçando a retração da produção na região no último trimestre.

“A principal causa a abater estes setores está relacionada à escassez mundial de alguns insumos produtivos, custo de importação e ao estrangulamento logístico no mercado internacional. Também chama a atenção o custo da energia elétrica como um dos gargalos mais preocupantes que devem permanecer nos próxi-

mos meses”, avalia Maskio.

A indústria do Grande ABC registrou período de retração mais curto entre dezembro e janeiro últimos (46,4 e 48,8), após recuperação da produção industrial apontada nos meses do segundo semestre de 2020 (todos acima de 50 pontos, com pico de 63,3). Contudo, no último trimestre entre julho e setembro de 2021, os industriais têm apontado queda no volume de produção (48,2 em julho, 48 em agosto e 43,3 em setembro).

Sobre o mercado de trabalho no Grande ABC, no primeiro semestre de 2020 (auge da pandemia) houve perda de 9.314 empregos formais no setor, fechando o ano com saldo negativo de 6.791. Já em 2021, o resultado acumulado até setembro registra saldo positivo de 7.628 empregos formais na indústria.

Ao longo de 2021 observa-se alta na alteração no volume de estoques efetivos (49 em janeiro para 57,5 em setembro), assim como na intenção de investimentos (de 53,1 pontos em agosto de 2019 para 63,5 em agosto último), numa tentativa de ir repondo a

produção. A intenção em investir chegou a baixar para níveis de 21,4 e 39,1 pontos no primeiro semestre deste ano.

Há dois anos, em setembro de 2019, a falta ou alto custo de matéria-prima e de energia (33,3) não apareciam entre os principais problemas enfrentados pela indústria regional. Agora o nível de preocupação surge com 80 e 33 pontos, respectivamente. Continua figurando entre as principais queixas a elevada carga tributária sobre o setor produtivo (46,4 pontos), em especial em um momento de retomada da atividade produtiva. “Isso revela os efeitos deste crônico problema para a atividade produtiva, e ao que tudo indica sem perspectiva de melhora, apesar dos discursos reformistas”, avalia o docente da Metodista.

BAIXA TECNOLOGIA

Outro dado destacado pelo estudo para uma avaliação qualitativa das transformações do setor industrial nas últimas décadas é que o setor tem se concentrado em áreas de menor complexidade. Segundo dados da PIA (Pesquisa Industrial Anual) do IBGE, em 1998 cerca de 35% do VTI (Valor de Transformação Industrial) era proveniente de setores de média-alta e alta intensidade tecnológica, de acordo com a metodologia de classificação da OCDE. Em 2019, último ano de divulgação da PIA, apenas 25% do VTI foram provenientes de setores de média-alta e alta intensidade tecnológica. Enquanto isso, a participação dos setores de média-baixa e baixa intensidade tecnológica aumentou de 47% para 61% do VTI. **da Redação**



INDICADOR DE CONFIANÇA DA INDÚSTRIA

| | 2021 | | | | 2020 | | | |
|-------------------------------------|--------|---------|-----------|------------|--------|---------|-----------|------------|
| | Brasil | Sudeste | São Paulo | Grande ABC | Brasil | Sudeste | São Paulo | Grande ABC |
| ICEI | 57,8 | 55,9 | 54,1 | 57,6 | 61,8 | 60,2 | 59,6 | 59,1 |
| Indicador de condições | 51,5 | 49,9 | 49,9 | 50,5 | 56,3 | 55 | 55,7 | 54,7 |
| Indicador de expectativas | 60,9 | 58,9 | 56,2 | 61,1 | 64,5 | 62,8 | 61,5 | 61,3 |
| Condições da economia | 47,4 | 45,7 | 44,4 | 45 | 51,9 | 50,6 | 50 | 50 |
| Condições da empresa | 53,5 | 52 | 52,7 | 53,3 | 58,5 | 57,2 | 58,5 | 57,1 |
| Expectativas da economia brasileira | 56,3 | 54,3 | 50,9 | 53,3 | 60,6 | 58,4 | 57 | 55,4 |
| Expectativas da empresa | 63,2 | 61,2 | 58,8 | 65 | 66,4 | 64,9 | 63,8 | 64,3 |

Fonte: portal.metodista.br/observatorio-economico/industriaabc

Agosto/Edição de Arte

MERCADO DE TRABALHO

Grande ABC tem 783 vagas de emprego

São Caetano concentra a maioria das vagas, com 353, seguida de São Bernardo, com 201

Os trabalhadores da região que buscam nova colocação ou o primeiro emprego têm 783 vagas disponíveis nos centros públicos, com destaque para a unidade de São Caetano, que concentra a maioria, com 353 oportunidades.

No CPETR (Centro Público de Emprego Trabalho e Renda) de Santo André são 25 vagas, a maioria (6) para analista de recursos humanos. Para atendimento presencial o candidato deve agendar horário no telefone 4433-0776, que funciona das 10h às 16h, de segunda a sexta-feira. O CPETR fica localizado na Prefeitura, no piso do estacionamento.

Já na CTR (Central de Trabalho e Renda) de São Bernardo são 201 vagas, entre elas, auxiliar de logística (90) e vendedor interno (35). A unidade funciona de segunda a quinta-feira, das 8h às 17h, e sexta-feira, das 8h às 15h, na Rua Padre Lustosa, 48, no Centro.

São Caetano oferece 353 oportunidades. O cadastro é feito pelo Portal do Emprego (portaldoemprego.saocaetano-dosul.sp.gov.br).

Já em Diadema são 50 oportunidades, como operador de máquinas, mecânico de ar-condicionado e pedreiro. Os interessados podem se cadastrar no site emprega.diadema.sp.gov.br.

Profissionais de Mauá podem comparecer ao CPTR (Centro Público de Trabalho e Renda), na Rua Jundiá, 63, bairro da Matriz. O atendimento é de segunda a sexta-feira, das 7h às 15h30. Nesta semana, são 90 vagas. Informações pelo telefone 4512-7779.

O PAT (Posto de Atendimento ao Trabalhador) de Ribeirão Pires possui seis vagas, entre as

quais, pedreiro e serralheiro. O endereço é na Avenida Capitão José Gallo, 55, Centro, e o funcionamento, de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 17h. Informações pelo telefone 4824-4282. O PAT de Rio Grande da Serra possui 58 vagas, como para fiscal (10). O currículo pode ser enviado para o e-mail patrgs.vagas@gmail.com. **da Redação**

PUBLICIDADE LEGAL

Serviço Funerário de Santo André

O Diretor Superintendente do Serviço Funerário do Município de Santo André, Sr. Dorival Rodrigues Filho, no uso de suas atribuições legais, comunica a quem possa interessar que serão executadas as **EXUMACOES** das **SEPULTURAS TEMPORARIAS** abaixo relacionadas, do Cemitério Nossa Senhora do Carmo, em Santo André, em virtude do vencimento do prazo de concessão das sepulturas localizadas nestas quadras, em conformidade com a Lei nº 9.540/2013.

| QUADRA | MÊS |
|--------|----------|
| 107 | DEZEMBRO |

Dorival Rodrigues Filho
Diretor Superintendente do SFMSA

Para anunciar, ligue:

4435-8159
4435-8000

DIÁRIO DO GRANDE ABC
Seus cotidianos, um só jornal

Acompanhantes

Clínica Alto Padrão Santo André

Massagistas selecionadas, local com total discrição

F: 4421-7491 / 4903-0990 / 94793-0067

<https://www.clinicanovacampestre.com.br>

Anuncie Aqui 4435-8000